



## A INSTAURAÇÃO DE RÓTULOS PARA JUSTIFICAR OS ACONTECIMENTOS QUE AFETAM AS APRENDIZAGENS DAS CRIANÇAS

Aparecida Faustino Guedert

aparecidafaustinoguedert@gmail.com

---

### RESUMO

O presente trabalho ocupou-se de investigar a instauração dos rótulos para justificar os acontecimentos que afetam as aprendizagens das crianças e partindo das inquietações dos estágios surgiu a pergunta como os rótulos e estigmatização podem impactar no desenvolvimento das mesmas? E se era compreendido dentro do ambiente escolar como uma maneira de culpabilização sobre a criança, se existiam dificuldades dos docentes em relação a trabalhar com alunos laudados ou não, utilizou-se de levantamento bibliográfico, documental e questionários que foram aplicados a professoras, coordenadora, professora de atendimento educacional especializado e gestora, o objetivo principal é investigar como os docentes percebem e quais as dificuldades enfrentadas por elas. Os resultados obtidos apontam que as docentes compreendem os rótulos e estigmas como algo que vai impactar as crianças e que a inclusão é bem concebida dentro do espaço escolar.

**Palavras-Chave:** Rótulos. Estigmas. Laudos. Crianças.

---

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como propósito apresentar algumas reflexões sobre rotulação e estigmatização associadas aos laudos ou não das crianças dentro do ambiente escolar e como ela prejudica, dificulta as aprendizagens das crianças que sofrem essa rotulação, a pesquisa foi realizada em uma escola pública de Anápolis e por ser um tema de alta relevância para a educação precisamos jogar luz sobre o assunto fomentar pesquisas, para que assim possamos discutir o assunto.

Durante os estágios de formação em Pedagogia no período em que se realizava os estágios, foi percebido essas questões que inquietou e que levaram a pesquisar sobre como os rótulos podem impactar no desenvolvimento das crianças e se a estigmatização ou rotulação é compreendida no contexto pedagógico como uma maneira de culpabilização do indivíduo, impactando negativamente suas aprendizagens.

Afim de entender como a instauração dos rótulos para justificar os acontecimentos que afetam as não aprendizagens das crianças investigou-se as consequências ocasionadas pelos

estigmas e rotulação, colocadas em crianças para justificar os resultados negativos. A partir das seguintes questões investigativas: Investigar como os docentes entendem e tratam a rotulação e analisar como a rotulação influi sobre as aprendizagens e entender para tratar a rotulação como um problema que deve ser encarado com seriedade e com o desejo de torna-lo extinto no contexto educacional.

Este trabalho é baseado em levantamento bibliográfico, pesquisas documental e também em coleta de dados em uma instituição pública no primeiro semestre do ano de 2020, tendo como intuito de pesquisar como as rotulações são compreendidas dentro do cenário educacional e como podem influenciar o desenvolvimento dos alunos dentro e fora da sala de aula e quais as percepções a respeito da inclusão em salas de aulas regulares, através de questionários aplicados a docentes, coordenadora, professor de atendimento educacional especializado e gestor.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **01 Rótulos e estigmas: aspectos que levam a sua compreensão**

Tendo em vista a necessidade de compreender algumas questões que envolvem os assuntos de rotulação de crianças ou estigmas que diagnosticam suas vidas no contexto escolar, faz-se necessário primeiro procurar entender os conceitos e definições que tais palavras trazem, para que a partir deles sirvam de elemento reflexivo ou referência para compreender esse fenômeno nas práticas escolares.

No que tange aos aspectos que envolve a palavra rotulação, segundo dicionário unificado da língua portuguesa (2010), encontra-se a menção de que rotular tem como significado, colocar rótulo ou etiqueta, ou servir de rótulo, que se coloca em embalagens e frascos com o nome do produto e outras indicações e ou qualificação simplista. Por outro lado, a palavra estigma, traz a definição de marca feita com ferro em brasa; mancha, nódoa; pequena cicatriz de nascença. E a palavra laudo é descrita no minidicionário da língua portuguesa (2007) como sendo o parecer de um especialista.

Diante disso, percebe-se que vários são os especialistas a diagnosticar e dar parecer sobre uma criança, um parecer que julga um padrão de normalidade em conformidade com o entendimento de uma sociedade muitas vezes excludente, sem considerar as particularidades e individualidade de cada ser. E em consonância com a palavra rótulos e estigmas que são

qualificações simplistas e marcas ou manchas feitas ou provocadas a palavra laudo muitas vezes se torna um rótulo e muitas vezes pode vir a se tornar um estigma na vida da criança.

Percebe-se então que rótulos e estigmas, são duas palavras carregadas de preconceitos e negativismo e portanto, talvez não seja recomendado figurar no vocabulário dos docentes que são responsáveis pela permanência dos educandos num contexto escolar saudável e tais expressões podem levar ao educando a introjetar tais sentimentos, neste caso, os rótulos talvez sejam prejudiciais a educação como um todo.

Sob o olhar de Goffman (1975, p.15, apud MOYSÉS, 2001, p. 249), “por definição, é claro, acredita-se que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, faz-se vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduz-se suas chances de qualidade de vida.”

Sob esta perspectiva do olhar da autora ao se colocar os estigmas no contexto escolar, diferencia-la com adjetivos que muitas vezes a submete a acreditar em tal, limita-se a criança. Portanto, tira-se a oportunidade de crescimento, autonomia e inserção de modo integrador no grupo na qual está inserida. Por outro lado, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9. 394/96 (LDB) artigo 2º define: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios da liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Isso quer dizer que a LDB estabelece as normas a serem exercidas dentro do ambiente escolar e define a educação baseada em solidariedade onde não dá espaços para julgamentos. A lei diz o pleno desenvolvimento do educando assegurando uma educação de qualidade a todos sem distinção, defendendo a perspectiva de assegurar igualdade de oportunidade a todos, respeitando as capacidades de cada um. Tal ensejo, serve para que esse educando possa viver e atuar na sociedade.

Observa-se também, que segundo Collares e Moysés (1996, p.227, apud MOYSÉS, 2001, p. 47):

O processo de patologização é duplamente e perverso: rotula como doentes crianças normais e, por outro lado, ocupa com tal intensidade os espaços, de discursos, propostas, atendimentos e até preocupações, que desaloja desses espaços aquelas crianças que deveriam ser os seus legítimos ocupantes. Expropriadas de seu lugar, permanecem a margem das ações concretas das políticas públicas.

Nota-se pela fala dos autores que a estigmatização com uso inapropriado de termos pesados sobre a criança, tende a ser uma experiência negativa que pode deixar marcas. O que

se percebe, é que na maioria das vezes, o sistema tende a procurar culpar alguém ou alguma doença pelas não aprendizagem dos alunos, e na busca destes, atribui as dificuldades a estas que se apresentam na maioria das vezes como a solução do problema, sem questionamentos quanto as práticas pedagógicas utilizadas.

Em conformidade com Bossa (2002, p. 44)

O entrelaçamento das expressões criança e escola está vinculada a mecanismos de controle e práticas disciplinares, com vistas ao exercício do poder e na produção de um saber sobre a criança. Ela é considerada um ser em desenvolvimento, que deve ser escolarizada, disciplinada, preparada para ser eficiente. Nesse sentido, a produção de saberes com vistas ao exercício do poder sobre a criança tem função normativa. A psicologia e a pedagogia colocam-se como saberes constituídos autorizados e especializados sobre a infância e contribuem para a disseminação da ideia de uma “criança normal”

E a pedagogia e a psicologia se colocam com os saberes constituídos e autorizados sobre a infância e disseminando a ideia de uma “criança normal”, o que seria essa normalidade? Sabendo-se que todas as crianças provêm de ambientes diversos e todas são únicas talvez seja por isso que a escola não possa enxergar a criança com um olhar de unificação e deva se colocar como um ambiente mais emancipatório, inclusivo e acolhedor, evitando-se assim um padrão de normalidade das crianças que tanto pode prejudicar e segregar a criança.

E em nome dessa escolarização são organizadas práticas pedagógicas que homogeneizam as crianças para aprender aquilo que a escola tem para oferecer sem levar em conta os seus anseios e desejos, sem agregar a atenção merecida. Dessa forma, reafirma-se os sentimentos negativos já citados anteriormente, e ressaltando as diferenças, rotulando e muitas vezes excluindo, segregando ou vitimando, em vez de acolher, incluir e inserir.

## **02 – Perceber o aluno como um ser único**

Em um cenário tal como o escolar, talvez seja difícil imaginar uma concepção de olhar singular para cada aluno, visto que a diversidade deles se acentua a todo instante. Porém, a questão aumenta de importância quando se recorda dos princípios que envolvem o direito à educação constante na LDB, nos artigos 2º e 3º, que dentre eles, prevê os princípios liberdade e os ideais de solidariedade humana, visando o pleno desenvolvimento do educando, tendo como base a garantia de padrão de qualidade.

Diante disso, deve se apegar ao fato de que a educação escolar como processo intencional precisa contribuir para que o organismo psicológico do aprendiz se desenvolva numa trajetória contínua e harmoniosa. Isso quer dizer, que não vai adiantar dar acesso a escolarização do sujeito, se o que for oferecido não passar pelo campo da formação individual

(singular). Vale registrar, que aqui, se fala de uma singularização, devido a percepção que se tem sobre a necessidade que cada indivíduo apresenta na relação com o ato de aprender, que só terá representatividade se for oferecido dentro de um padrão de qualidade.

Nessa perspectiva, Perrenoud (1996 b, p. 09) confirma que “diferenciar o ensino é fazer com que cada aprendiz vivencie, tão frequentemente quanto possível, situações fecundas de aprendizagem”, as salas de aulas são heterogêneas, com alunos dotados de particularidades portanto, concebesse que cada aluno aprende de forma diferenciada; e que nem todos vão aprender ao mesmo tempo e nem da mesma maneira, cabe ao educador possibilitar aos educandos experiências diversificadas para que todos tenham a oportunidade de aprender a aprender.

Na concepção de Moysés (2001, p. 38):

Da mesma forma que não se pode comparar crianças que vivem em classes e grupos sociais com valores distintos, mesmo que vivam em um mesmo espaço geográfico e temporal, não se pode pretender comparar crianças que vivam em espaços temporais, e, portanto, históricos e sociais, distintos. E vice-versa.

Essas ideias vão em encontro ao pensamento de Bossa (2002) citada anteriormente, que não podemos comparar as crianças que vivem em lugares e espaços diferentes como sendo iguais e homogeneizando como se fosse um padrão e nem ter como ideal uma “criança normal” sendo que cada criança se apresenta como um ser único e não podemos considera-las como sendo iguais.

De certa maneira, essas ideias dialogam com as prioridades da escola, já que a individualização dos sujeitos, devem estar voltadas para o princípio primordial de preparação para o exercício da cidadania que centra na condição básica psicológica do aluno. Tal concepção, induz a pensar que a escola agindo assim, os docentes vão, de certo modo, oportunizar aos discentes experiências significativas, para construírem sua moral e seus valores.

### **03 – A instauração de rótulos**

A peculiaridade que um diagnóstico oferece sobre a condição para escolarização de uma criança, é talvez um ponto atípico para muitos professores, que por ventura não sabem ou não foram formados para prestar o atendimento que seja apropriado as necessidades do estudante. Isso pode ressoar sobre a instauração da ideia de como deve ser pensado a responsabilidade docente, uma vez que a LDB, antevê o princípio de preparar o aluno para exercício da cidadania, centrando-se na condição de responsabilizar a família e o estado para ofertar essa condição básica.

Na visão de Machado (2007, p.122, apud SOUSA, 2008, p.28)

Quando algo não sai como o esperado na escola, um dos mecanismos desenvolvidos é a produção de culpados; culpas sobre o aluno, a família, o sistema de ensino, o professor. O processo de culpabilização tem relação com o processo de individualização, em que o campo social e político são visto como algo exterior à maneira de o sujeito viver. A realidade psíquica e a realidade material de produção social passam a ser vistas como distintas. Esse mecanismo de controle está presente na sensação que os professores, psicólogos e educadores têm de que falta algo que é deslocado do campo social, como se fosse um “em-si”. “Ele precisaria respeitar mais”, “Ele teria que elaborar melhor essa situação”. Ora, o que está sendo vivido é efeito desse campo de forças múltiplas. Algo que, do encontro das forças, se tornou necessário, e não algo da ordem do acidente(...)

De acordo com as representações que se tem da escola, é perceptível que as práticas pedagógicas e as burocracias do sistema educacional muitas vezes dificultam a vida dos alunos, tornando mais difícil o processo de codificação e decodificação do sistema alfabético e mais ainda, o seu uso social, o letramento e a leitura de mundo. Daí surgem o uso inadequado de termos como dificuldades de aprendizagem, distúrbios, disfunções, patologias, perturbações de aprendizagens, o que vem gerando as respostas de que o aluno não possui prontidão para aprender.

Consoante com Sara Pain (1985, p. 13): “consideramos perturbações na aprendizagem aquela que atentam contra a normalidade deste processo, qualquer que seja o nível cognitivo do sujeito”. A educação em si tem como princípio da igualdade entre os indivíduos, portanto, a criança laudada ou não, tem o direito de ser assistida de maneira irrestrita e atingir o aprendizado esperado de uma educação integral e de qualidade prevista em lei.

De posse desse olhar, a criança no ambiente escolar necessita se sentir segura em todos os sentidos, para que possa se desenvolver e aprender de maneira satisfatória, tanto no que se refere a si mesma, como também na relação com os seus pares. Junto a isso, afirma Moysés (2001, p. 47), “a criança tornada incapaz, bloqueiam-se”. Nessa direção, só é possível, chegar à seguinte conclusão: a criança só irá mostrar o que sabe, se ela sentir segurança e ao mesmo tempo, confiar nessa proposta. Aqui, cabe o apelo, para que a escola resolva esse acontecimento, uma vez, que é por meio da escola que sai a rotulação, de que a criança não aprende, não sabe, não faz atividade, não socializa, não rende, não comporta, entre outros domínios que ela não corresponde perante as expectativas estipuladas para que ela possa alcançar.

Talvez seja por isso, que Moysés (2001, p. 47), “afirma que crianças normais vão-se tornando doentes. Até que, doentes, necessitam de atendimentos psicológico, não por não-

aprender, mas pela vida estigmatizada, pela incapacidade introjetada”. Percebe-se aqui, que ao rotular uma criança em idade escolar é sentenciá-la a atendimentos especializados ou a não aprender de maneira satisfatória, sentenciando-as a uma condição de marcas extremamente negativas em sua vida.

Partindo de tudo que foi explanado pelos autores citados percebe-se que a rotulação precisa ser compreendida com um olhar mais amplo e afetivo, tais estigmas tendem a prejudicar não só os discentes mas também o docente que se sente fragilizado diante de tais situações, mas quando uma criança recebe um diagnóstico atestando alguma necessidade de atendimento especializado muitas vezes torna o trabalho docente mais favorável as aprendizagens daqueles alunos, visto que se pode individualizar o atendimento.

Os laudos tendem também a dar um olhar mais humanizado sobre aquele sujeito, os próprios alunos tornam-se mais solidários, cooperam, ajudam-se mutuamente, contribui se formando assim cidadãos mais conscientes e solidários tão necessários em nossa sociedade, a empatia tão sonhada. O rótulo neste caso passa de negativo e dar um sentido positivo a educação que partindo dele ajuda a identificar e a perceber o outro na sua singularidade.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O presente trabalho foi elaborado a partir de um levantamento bibliográfico que segundo Gil (2010, p. 49), as fontes bibliográficas mais conhecidas são os livros de leitura corrente. No entanto, existem muitas outras fontes de interesse para a pesquisa bibliográfica, tais como obra de referência, teses e dissertações, periódicos científicos, anais de encontros científicos e periódicos de indexação e de resumo. Neste trabalho foram pesquisados autores como: Maria Aparecida Affonso Moysés (2001), Nadia A. Bossa (2002), Philippe Perrenoud (2000), Sara Pain (1985), Alicia Fernández (1991), Paulo Freire (2015) que oferecem fundamentos que vão embasar a pesquisa.

Para complementar, foi também desenvolvida uma pesquisa de campo, realizada em uma escola pública do município de Anápolis, na qual foi aplicado um questionário ao gestor, aos professores e ao professor de atendimento educacional especializado (AEE). De acordo com Gil (2010, p. 35) “As pesquisas deste tipo caracterizam-se pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer”. Basicamente, procede-se a solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para, em seguida, mediante análise quantitativa, obterem-se as conclusões correspondentes aos dados

coletados. E a análise documental será utilizada de maneira a complementar os dados obtidos que segundo Gil (2010, p. 31) “seja considerada fonte documental quando o material consultado é interno à organização” quanto a tais instrumentos de pesquisa, a fontes bibliográfica juntamente com o questionário tem como objetivo investigar as percepções sobre a instauração dos rótulos para justificar as não aprendizagens das crianças nos anos iniciais do ensino fundamental.

E a partir de tais estudos busca-se analisar os dados obtidos, e pretende-se contribuir de maneira significativa para um novo olhar sobre os rótulos e estigmas dentro do contexto da educação. Será realizada uma análise dos dados obtidos e das fontes bibliográfica para nortear tais perspectivas que serão disponibilizados nos anexos deste trabalho.

A pesquisa não visa expor nomes de pessoas ou instituição, portanto, será adotado nomenclaturas como professora do 1º ano P1, do 2º e 4º ano P2, coordenadora como C1, professora do AEE como A1 e gestora como G1.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Este estudo pretende apresentar e analisar as investigações realizadas sobre a Instauração dos rótulos para justificar os acontecimentos que afetam as aprendizagens das crianças nas series iniciais, para a realização de tais investigações foram aplicados questionários a duas professores, uma coordenadora pedagógica, a gestora e a professora de atendimento educacional especializado (AEE) de uma unidade escolar pública do município de Anápolis, a fim de responder aos questionamentos propostos por esse trabalho que é de analisar os dados nas series iniciais do ensino fundamental, onde pressupõe-se que haja uma maior interação entre professor-aluno e vice-versa. A pesquisa tem como finalidade contribuir de maneira significativa com os agentes envolvidos com a educação, para entrarem em contato e para que possam refletir sobre a temática.

A escola campo analisada atende do 1º ao 5º ano atualmente conta com 675 alunos matriculados e 22 professores atuando dividido em 24 turmas, sendo que do total de alunos 252 estão matriculados nos 1º e 2º anos, do total de alunos 23 possuem laudos médicos e 09 são



passíveis de laudos; unidade conta com a presença de uma psicopedagoga e uma cuidadora que trabalha em tempo integral.

A pesquisa foi realizada com professoras, a unidade não possui nenhum pedagogo do sexo masculino, com faixa etária de 30 a 50 anos sendo que todas possuem formação acadêmica com grau em especialização, todas com no mínimo 15 anos de atuação na área o que ressalta a larga experiência na atuação como docentes e atuando a muitos anos nas series iniciais e a maioria delas trabalhando a mais de 5 anos na unidade escolar.

Todos esses vão de encontro ao que diz Freire (2015, p. 25) “de que não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Percebe-se pela fala do autor todo o envolvimento que há entre professor e aluno, troca recíproca de conhecimentos e ensinamentos, relação essa que se desdobra frente aos desafios do dia-a-dia, um se doando ao outro numa relação envolta completamente em confiança e doação.

A primeira parte do questionário destina-se ao perfil dos entrevistados, sendo composto por uma segunda parte que compreende a um questionário de sete perguntas abertas e cinco de marcar X, o questionário das professoras e da coordenadora eram idênticos e o da professora do AEE e da gestora diferem em parte em algumas perguntas.

Ao serem questionados sobre “Você já leu, estudou alguma coisa sobre rótulos ou estigmas na educação? todas responderam que “sim” ao qual sugere que a temática é do conhecimento de todas as docentes o que tende a facilitar o trabalho docente frente a temática e aos desafios. Na percepção da G1 “ela acredita que o processo de inclusão está caminhando e os rótulos e estigmas devem ser abolidos do processo ensino aprendizagem”. O que está em desacordo com a fala da A1 que descreve sobre as suas percepções e tem notado que os rótulos e estigmas se fazem presentes de maneira bem marcante.

Para a A1 foi acrescentado a pergunta “Conte um pouco sobre o que” obteve como relato que “diante dos estudos e observações diárias em relação aos rótulos, tenho notado que dificulta o desenvolvimento tanto intelectual quanto social dos indivíduos. Os rótulos criam uma barreira frente à exploração das habilidades e potenciais dos educandos, dificultando a sua capacidade de desenvolver através de adaptações do currículo escolar frente as suas dificuldades. Os rótulos levam a maioria professores criar um estigma diante as características dos alunos e não acreditar em seu potencial de desenvolvimento, pois entendem que uma criança com laudo não tem capacidade de se desenvolver o que leva uma falta de esforço dos professores junto a essas crianças. Entretanto rótulos são justamente usados como proteção

contra o desconhecido – não somente na escola, mas em toda a sociedade. É mais simples encontrar uma categoria onde encaixar pessoas e ações de acordo com nossos padrões do que conhecê-los a fundo antes de qualquer julgamento. No entanto essas crianças deixam de ser observadas como indivíduo e passa a ser reconhecidas como o transtorno ou deficiência citados em um laudo”.

Percebe-se pelas respostas analisadas que os rótulos estão inseridos no contexto educacional e que há uma constante em tentar entender e romper com os desafios o que confirma a visão de Moysés (2001, p. 11) “não aceitar este poder de olhar sem ver e de anular o que não se sabe ver”.

Ao serem questionadas sobre “O que você como educadora entende por uma criança rotulada? E obteve como respostas: P1 “É aquela criança que a comunidade a enquadrou na categoria de menos prestígio, de acordo com normas e valores herdados culturalmente.” Já a P2 respondeu que “São crianças tidas como mimadas, birrentas, donas da situação, preguiçosas... E muitas vezes, aquelas que não conseguem se desenvolver como as demais e que não possui o apoio suficiente no ambiente escolar ou até mesmo em casa, para atingir a aprendizagem de forma a torna-la um ser autônomo e que acaba levando a culpa de.” Nota-se que os rótulos são associados a comportamentos e também as limitações da criança. De acordo com a C1 é “Uma criança que é prejudgada sem conhecimento de causa levando em consideração a opinião de terceiros.” Limitar-se a julgar sem antes conhecer e vai de acordo com a G1 que relata “É limitar as capacidades cognitivas das crianças, que tem uma bagagem que traz consigo.” E com A1 que respondeu que “Quando uma criança é destacada por suas limitações, características ou comportamentos onde lhe é dado um valor menor em detrimento as suas dificuldades ou laudo.” Esta resposta vai de acordo com a P2 e nota-se que os rótulos são associados também as crianças com laudo.

Todas essas percepções vão de encontro as palavras de Moysés (2001, p. 9) “um diagnóstico que confirme a comodidade das crenças e preconceitos é, mesmo para os estigmatizados, um caminho necessário [...]”. Percebe-se pela fala da autora, que quando uma criança recebe um laudo que confirme os rótulos é um caminho necessário para que ela possa ser inserida dentro do contexto educacional. Diante disso, é possível questionar, será que ao ter uma criança laudada, é um fenômeno que facilita o desenvolvimento do aprendiz ou o trabalho do docente junto a criança? Ao que tudo indica, a falta desse diagnóstico pode dificultar o bom desenvolvimento das práticas dentro de sala de aula e isso, traz significativos impactos, tanto nas ações do professorado, como dos estudantes.

## A INSTAURAÇÃO DE RÓTULOS PARA JUSTIFICAR OS ACONTECIMENTOS QUE AFETAM AS APRENDIZAGENS DAS CRIANÇAS

No tocante a esses resultados obtidos entende-se que o conceito sobre os rótulos e estigmas são bem compreendidos pelas docentes o que é positivo e relevante já que o conhecimento prévio sobre os saberes pressupõe a prática docente e vai de encontro com a visão de Freire (2015, p. 67) “A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a[...]” o professor que muitas vezes necessita aprender para transformar o seu aluno.

Ao serem abordadas “O que você como professora faz se percebe que alguma criança foi rotulada pela turma ou por outros? e obteve como resposta da P1 que “Utilizo bastante o diálogo nas rodas de conversa, refletindo que ninguém é melhor que ninguém e que todos nós temos virtudes, bem como atitudes que precisam ser melhoradas. Gosto também de ressaltar a questão do respeito, através de histórias infantis, mas as vezes é necessária uma conversa individualizada com ambas as parte.” O que colabora com a resposta da G1 que também ressalta a importância do diálogo no sentido de mostrar as individualizações de cada ser “Procurro conversar e mostrar que cada ser é especial diante de Deus e que cada um tem seu tempo e suas limitações, mostrando que a amizade e trabalho em equipe é o melhor caminho.” A P2 utiliza-se da empatia para impactar os alunos sobre suas próprias limitações “Eu procurro colocar a criança que foi rotulada para ajudar o rotulador em algo que o mesmo não saiba, e mostro para ele que não existe nenhum aluno melhor que o outro, mas sim, crianças que aprendem de forma e em tempo diferentes, além de tentar conscientizar de uma forma geral que se algum deles fossem melhor que o outro, não estariam na mesma série (ano). Geralmente funciona de forma muito eficaz.”

Um grande desafio ao docente é conhecer seu aluno, na fala da C1 ela relata que procura conhecer e entender a criança em sua integralidade e não permite a rotulação em sua sala dizendo que “Eu procurro conhecer a criança (em todos os sentidos-emocionais, cognitivos, motores) e não deixo que isso aconteça.” São atitudes diferenciadas as relatadas pela A1 que prima pelas informações e orientações “Levo informações e orientações sobre as dificuldades e características apresentadas pelas crianças e juntos criamos algumas estratégias para melhor ajuda-las, tanto no seu desenvolvimento cognitivo quanto social.” O que demonstra que postura alinhadas ao diálogo, reflexão e tomada de atitudes de maneiras diversas e integradas como conhecimento e formação são fundamentais para superação da rotulação no ambiente escolar.

E que a criança que sofre essa rotulação sendo acolhida e defendida em seus direitos por seus professores se sinta como afirma Sara Pain (1985 apud ALICIA FERNÁNDEZ, 1991, p. 35) em “Que sinta que sua personalidade se diferencia das outras e tem

um caminho próprio que é capaz de construir, que vislumbre uma possível escolha, certo grau de liberdade, ainda que seja no conhecimento.”

Investigou-se “Como um professor pode contribuir para que o diagnóstico seja dado por outros profissionais especializados para tal? E na construção desse pensamento P1 descreve que “Um professor contribui quando age como parceiro de tais profissionais, fornecendo-lhes informações da rotina escolar, do desempenho, das relações interpessoais das crianças.” O que salienta a G1 soma a essa visão “Através da parceria com o AEE, e o professor regente de sala de aula através de relatórios e portfólio dos alunos.” Compreende-se nas falas que a parceria entre aos agentes envolvidos promove uma maior sintonia na superação das dificuldades e vai na linha de pensamento da P2 que ressalta a observação como um instrumento importante também “ Geralmente, observando bem a rotina da criança em sala de aula, no recreio, no convívio de forma geral e também fazendo questionamentos frequentes aos familiares sobre a rotina da criança em casa, para passar ao profissional especializado o maior número possível de informações sobre a criança a ser laudada, através de relatórios ou até mesmo um diálogo (quando solicitado pelo profissional especializado) entre os profissionais para tentar ajudar a criança ao máximo.”

A parceria novamente é citada e vai na linha de visão da C1 “O professor em sala tem um papel fundamental de perceber avanços e dificuldades, ele precisa ser parceiro deste outro profissional no sentido da transparência.” Observa-se que o professor é peça fundamental para contribuir para esse diagnóstico o que se nota também pela resposta da A1 essa importância também é destacada “Através das observações diárias do comportamento e desenvolvimento do aluno, diante das atividades propostas no decorrer das aulas.”

Os resultados sugerem que a observação diária alinhada a uma parceria e maior envolvimento entre escola e família ajuda a ir de encontro ao diagnóstico que os especialistas são responsáveis o que vai de encontro ao que pensa Alicia Fernández (1991, p. 37) “Para poder chegar a uma conclusão acerca da existência ou não de patologias estruturadas no aprender (sintoma – inibição – transtornos de aprendizagem reativo), nossa visão orientar-se-á através da relação do sujeito com o conhecimento.”

Indagadas sobre: “Descreva um pouco a rotina do seu trabalho em relação a criança laudada.” A professora P1 descreve que “As crianças laudadas participam da rotina da sala de aula de forma interativa e natural, porém, algumas atividades são adaptadas às suas peculiaridades, explorando sempre o material concreto. No caso dos autistas procuro respeitar o espaço de cada um e estabelecer uma rotina diária bem definida.” A professora procura incluir os alunos laudados de maneira que eles participem das aulas o que vai na mesma linha de

## A INSTAURAÇÃO DE RÓTULOS PARA JUSTIFICAR OS ACONTECIMENTOS QUE AFETAM AS APRENDIZAGENS DAS CRIANÇAS

pensamento da professora P2 “Procuro, primeiramente conhecer a criança e suas limitações. Faço todo o possível para conquistar a confiança da criança laudada. Quando necessário, deixo as crianças cientes que existem alguns dentro da sala que necessitam do apoio dos demais e elaboro uma rotina e combinados com a turma. Sempre que possível, coloco-os em duplas para que um ajude o outro, observando os temperamentos e dedicação de cada um para que ambos não sejam prejudicados. Além de visar a qualidade das atividades realizadas e não a quantidade das mesmas. Outra estratégia que utilizo muito são os jogos e leituras de histórias realizadas pelos alunos laudados, dando a chance de participar e contribuir para o aprendizado de todos.”

A docente demonstra que suas práticas pedagógicas também procura inserir o aluno, quando afirma que se utiliza de vários recursos para atingir a criança laudada, o que vai de encontro com os relatos de sempre ter um olhar diferenciado e especial para incluir de maneira significativa também da C1 que relata que “Durante os anos de 2018 e 2019 acompanhei uma turma de alfabetização no seu ciclo de 1º e 2º ano do ensino fundamental, na minha turma teve crianças laudadas do qual sempre tive um olhar especial para elas não no sentido de diferenciá-las das demais mas no sentido de incluí-las para que tenham a oportunidade de mostrar o potencial que cada uma delas apresentam.”

E todas essas diferenciações e estratégias para tornar as aprendizagens mais significativas e relevantes frente a criança portadora de um laudo se reafirma com as palavras da A1 em sua explanação sobre o seu trabalho “As crianças laudadas são atendidas uma vez por semana no contra turno escolar, com ênfase em sanar suas dificuldades através de atividades lúdicas, também são feitas adaptações de conteúdo, atividades e avaliações junto ao professor regente, para que esse aluno esteja inserido dentro da sala comum como os demais alunos, porém respeitando suas limitações.” E aliado a todo esse trabalho a G1 relata que “Propormos parceria com a família a fim de diagnosticar e amparar o aluno, atendimento com o professor AEE e encaminhamento para os órgãos competentes como Centro Municipal de Atendimento à Diversidade (CEMAD).” Os resultados reforçam o sentimento de que a parceria acompanha o trabalho frente a criança laudada no âmbito escolar.

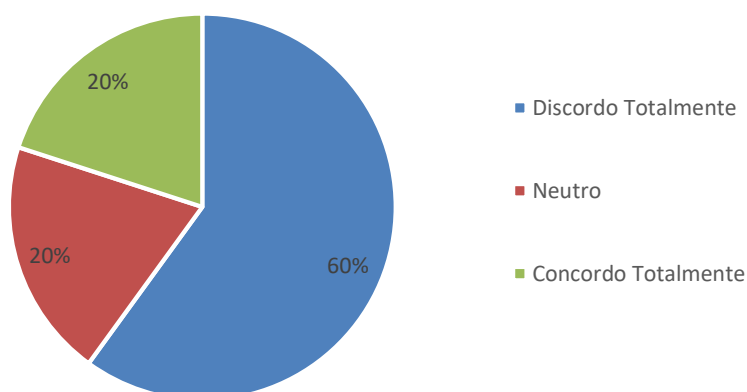
Diz Sara Pain (1985 apud ALICIA FERNÁNDEZ 1991, p. 82) “A função da educação pode ser alienante ou libertadora, dependendo de como for usada, quer dizer, a educação como tal não é culpada de uma coisa ou de outra, mas a forma como se instrumente esta educação pode ter efeito alienante ou libertador.” No que se refere a criança laudada a educação não deve transformar o laudo em um rótulo estigmatizando o indivíduo, mas sim transformar esse laudo em instrumento que auxilie o olhar de individualização ao sujeito e seus direitos de aprendizagens e a convivência e permanência na unidade escolar concordando com



Sara Pain ( 1985 apud FERNÁNDEZ, 1991, p.35)“Uma tarefa primordial no diagnóstico é o amor.”

Ao serem questionadas sobre se consideram que o laudo pode impactar no desenvolvimento da criança que frequenta as series iniciais os docentes divergem em suas opiniões com 60% responderam que discordam totalmente, 20% são neutros e 20% concordam totalmente, não há um consenso, porém a maioria concorda que não há impactos no desenvolvimento das crianças o que sugere o lado positivo dos laudos que permite que a professora possa entender a dificuldade do aluno o que vai em consonância com o pensamento de Fernández (1991, p. 23) não é o paciente que necessita um diagnóstico, mas o terapeuta, para poder intervir, neste sentido o professor se torna esse terapeuta que vai intervir com as metodologias diferenciadas e de acordo com as especificidades de cada aluno laudado.

**Gráfico 1: IMPACTO DO LAUDO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL**



**Fonte:** Autoria própria, 2020

Quando indagadas se a estigmatização ou rotulação de crianças é compreendida no contexto pedagógico como algo que negativamente vai impactar a aprendizagem das crianças 80% responderam que concordam totalmente, 20% neutro, o resultado aponta que provavelmente a estigmatização ou rotulação é algo que vai impactar negativamente as aprendizagens dessa criança. Isso vem de encontro ao pensamento de Moysés (2001, p. 249) que diz: “A partir da estigmatização, as pessoas assim marcadas passam a receber um tratamento diferente do que é dirigido aos normais”. Pode ser por isso que as docentes responderam que as crianças são impactadas negativamente em seu desenvolvimento, esse

olhar diferente é percebido pelos alunos, e o rotular age como um peso sobre a criança que começa a dar sinais de que está sendo impactadas em seu desenvolvimento escolar.

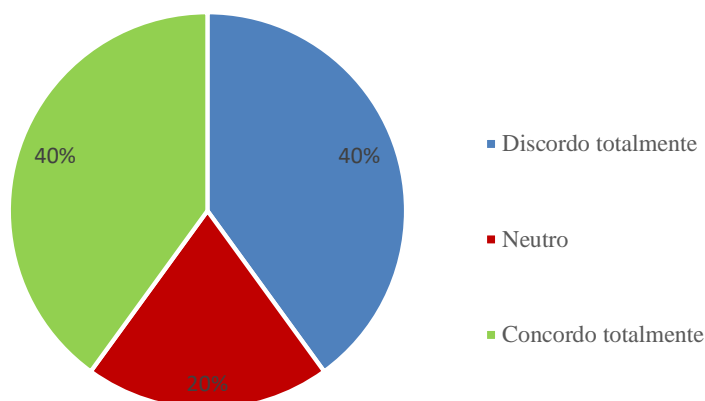
Pelo que se observa, ao serem questionadas se sempre existe dificuldades para ministrar aulas a uma criança laudada. Quis se saber se elas sentem que não tem formação para ajudar no desempenho da criança. 40% das entrevistadas responderam que discordam, e 20% neutro, 40% concordam. Isso indica que as docentes divergem sobre este assunto mas os resultados apontam que existe sim, dificuldades para ministrar aulas a um aluno com laudo, talvez seja por isso, que nas discussões já foram citadas essas dificuldades anteriormente, elas estão presentes em sala de aula e que os docentes necessitam não só de apoio mas também de serem oportunizados com mais formação continuada para que possam atender melhor a criança que possui um laudo.

Diante disso, é possível entender que o serviço de formação continuada é necessidade intrínseca aos profissionais da rede municipal de educação, no município de Anápolis e precisa fazer parte de um processo permanente de desenvolvimento assegurado a todos. Isso é dito e afirmado, com base no que Conceição (2010, p. 30) informa. A autora, entende que muitas destas questões são colocadas “num terreno tão longínquo quanto idealizado, pois culpas e expectativas de formação adequada são atribuídas à demanda atual de cursos de licenciaturas e outras instâncias de formação”. Isso é o mesmo que afirmar que muitas formações continuadas não são bem desenvolvidas porque se esbarram nas justificativas recorrentes dos acontecimentos do passado. Isso talvez chame atenção, dos gestores e coordenadores pedagógicos para que colaborem e despertem a percepção da equipe para a construção de novas práticas e a manutenção de um espaço permanente de reflexão a respeito do serviço prestado a criança com laudo.

Mas os resultados apontam também que as docentes discordam que elas não sentem dificuldades e se sentem com formação suficiente para trabalhar frente as problemáticas o que é um dado positivo já que essa afirmação dá aos docentes um preparo para atuar junto as necessidades dos alunos.



**Gráfico 3: DIFICULDADE EM MINISTRAR AULAS EM RELAÇÃO A CRIANÇA LAUDADA E A FORMAÇÃO DOCENTE**



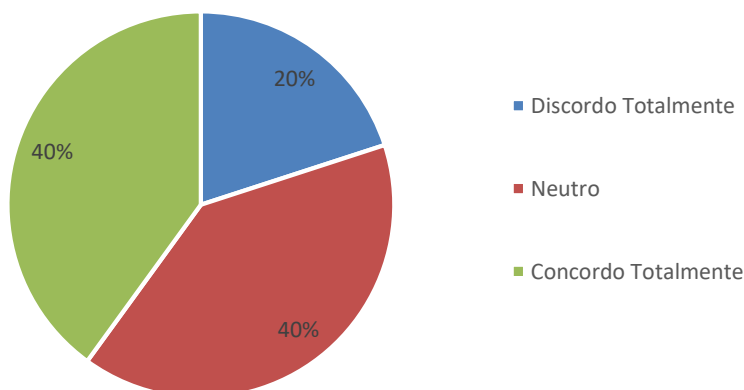
**Fonte:** Autoria própria, 2020

Quando perguntadas sobre se as dificuldades no processo de ensino aprendizagem dos discentes laudados são supridas de acordo com a metodologia usada para melhor apresentação dos conteúdos 40% responderam que concordam, talvez seja por isso que os dados nas discussões descreva um pouco sua rotina em relação a criança laudada onde a P2 destaca o uso de metodologias diferenciadas como jogos, contação de história e atividades e da A1 que destaca em seu trabalho as atividades lúdicas para sanar as dificuldades e atividades adaptadas junto ao professor regente. Obteve como resultado também 40% são neutros não tem opinião ou não quiseram opinar e 20% discordam que essas metodologias supram essas dificuldades talvez seja por isso que Moysés (2001, p. 126) “diz que perceber os limites do olhar talvez coloque limites ao classificar”.





#### Gráfico 4: DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E AS METODOLOGIAS UTILIZADAS



Fonte: Autoria própria, 2020

Quando foi solicitado para que opinassem sobre enquanto docente, como avaliaria a inclusão de crianças laudadas em sala de aula regular os resultados consideram que 80% concorda, 20% discorda o que sugere que a inclusão é bem concebida no contexto educacional o que vai de encontro com os resultados de quando indagadas para relatarem sobre seu trabalho com as crianças laudadas todas responderam de maneira a atender bem essa criança com atividades diferenciadas, contação de história, afetividade, parceria dentro de sala de aula com os demais alunos, o que demonstra que a inclusão é bem compreendida.

Na contra mão existe as dificuldades enfrentadas relatadas em trabalhar com crianças laudadas em sala de aula, por todas as discussões percebe-se que há inúmeras dificuldades que a escola enfrenta para realizar esse trabalho desde de conviver com os rótulos e estigmas que atrapalham e muito o desenvolvimento das crianças tanto social quanto nas aprendizagens, quanto suprir essas dificuldades com metodologias diferenciadas, portanto os desafios são muitos apontados pelos resultados o que nos faz pensar que muito deve ser feito em relação a inclusão, e uma luta constante em relação aos rótulos e estigmas impostos sobre as crianças que necessitam ter em sua vida um laudo ou não.

Segundo Bossa (2002, p. 69) A vida da criança de nossa cultura gira em torno da escola, quer ela a frequente, quer não. A experiência emocional vivida no contexto da escolaridade tem efeito determinante na formação da personalidade. Na visão da autora a experiência emocional vivida pela criança na escola determina a formação da sua personalidade

e, portanto, vai refletir em todos os sentidos em sua vida, o que confirma as discussões que essa experiência deve ser livre dos rótulos e estigmas na vida escolar dessa criança, essa experiência deve ser pautada no respeito as individualidades de cada ser

Conseqüentemente, não se quis apresentar aqui, uma concepção generalista e única, estamos tratando de questões de emancipação e transformação. A finalidade deste estudo foi trazer assuntos que vão combinar de um lado “conhecimento e crítica” e do outro um apelo para a transformação da realidade docente em benefício dos alunos estigmatizados. No que se refere aos argumentos apresentados neste estudo, entende-se que outras estratégias e narrativas promotoras de novas reflexões devem ser incentivadas, objetivando responder como as ações dos professores devem ser evidenciadas. Além disso, é preciso que as políticas públicas compreendam de que forma a mediação pedagógica dos professores devem ser favorecidas, para que novas propostas de formação sejam implantadas.

Com isso, poucas conclusões servem para nortear este estudo, dentre elas, é que, de uma forma ou de outra, a equipe gestora deve abraçar a demanda de formação mesmo percebendo que no dia a dia essa pertinência não seja uma aventura fácil de conceber. Ao mesmo tempo, é possível entender que essas reflexões trazem uma iluminação crítica que permite a realização de uma intervenção na construção da própria consciência do professor, da família e da própria sociedade.

Contudo os objetivos de investigar as conseqüências dos rótulos e estigmas dentro da sala de aula e ao tentar compreender tal situação evidenciou uma problemática que muitas vezes os docentes divergem suas opiniões, revelando ser de suma importância novos estudos a respeito, as discussões apontam inúmeros pontos que ressaltam que muito deve ser feito e estudado sobre o assunto. Tentar entender como os rótulos afetam as aprendizagens contribuiu de maneira significativa para minha formação acadêmica, pois demonstrou o quanto a pesquisa é relevante no contexto educacional e a formação continuada deve ser parte integrante do professor que deseja exercer a profissão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho iniciou-se com pesquisa bibliográfica buscando atender a necessidade de analisar e entender como os rótulos e estigmas podem impactar na aprendizagem da criança dentro do contexto educacional e como a inclusão é concebida e quais os desafios enfrentados pelos docentes, a partir desse entendimento buscou-se saber qual a percepção dos mesmo sobre

o assunto e investigar se tais problemáticas se fazem presentes dentro dos espaços escolares e se estão ligadas aos laudos.

Pode-se perceber a partir dos resultados que a uma percepção por parte dos docentes a respeito da temática e que eles consideram que os rótulos e estigmas como algo que vai impactar negativamente a vida das crianças que porventura venha a sofrer esse tipo de situação e que deve-se fugir desses termos dentro do espaço escolar por causar aos alunos um sofrimento, e que muitas vezes uma criança é destacada por suas limitações, características ou comportamento, e que a inclusão vem sendo bem concebida dentro das escolas pelos docentes, mas que muitos são os desafios que devem ser superados neste sentido apontam-se a necessidade de maior capacitação para trabalhar com a criança laudada, parceria dos envolvidos, adequação de atividades, metodologias diferenciadas e um olhar individualizado para aluno e as deficiências sem enxergá-lo somente com limitações e termos.

Os resultados encontrados só apontam os caminhos para que professor e aluno superem suas limitações. Mas muito ainda tem que ser pesquisado e estudado, pois o que se almeja com este trabalho é de contribuir com os envolvidos no contexto educacional para que a partir desse estudo possam ampliar as suas percepções sobre os rótulos e estigmas, possibilitando a construção e uma reflexão e a partir deles desconstruir e construir novos conceitos sobre as diversidades presentes no cenário educativo, os rótulos dificultam tanto o desenvolvimento intelectual quanto social do aluno. Devido o momento atípico vivido por todos no mundo inteiro e aqui também se faz presente a pandemia devido ao COVID-19 não houve a possibilidade de realização das observações.

---

## **ABSTRACT**

The present work was concerned with investigating the establishment of labels to justify the events that affect children's learning and, starting from the concerns of the internships, the question arose how labels and stigmatization can impact on their development? And if it was understood within the school environment as a way of blaming the child, if there were difficulties of the teachers in relation to working with students who were praised or not, we used bibliographic, documentary research and questionnaires that were applied to teachers, coordinator, specialized educational service teacher and manager, the main objective is to investigate how teachers perceive and what difficulties they face. The results obtained show that teachers understand labels and stigmas as something that will impact children and that inclusion is well conceived within the school space.

**Keywords:** Labels. Stigmas. Reports. Children.



---

## REFERÊNCIAS

BOSSA, Nadia A. **Fracasso escolar: um olhar psicopedagógico.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

CONCEIÇÃO, Lilian Feingold. **Coordenação Pedagógica e orientação educacional: princípios e ações em formação de professores e formação do estudante.** Porto Alegre: Mediação, 2010.

FERREIRA, Buarque de Holanda Ferreira. **Miniaurélio: 6º edição revista e atualizada do Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 7ª Impressão,** Curitiba, setembro de 2006.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família.** Tradução Iara Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 50º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. Ed. – São Paulo: Atlas, 2010.  
LEI DE DIRETRIZES E BASES 9394/96 disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm) acessado em 05/06/20 as 16:30.

MOYSÉS, Maria Aparecida Afonso. **A institucionalização invisível: Crianças que não – aprendem – na – escola.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001. Apoio Institucional: FAPESP.

PAIN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.** Tradução Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artmed, 1985.

PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia diferenciada: das intenções à ação.** Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000.

RIOS, Dermival Ribeiro. **Grande dicionário da língua portuguesa.** São Paulo: DCL, 2010.

SOUSA, Roberta Machado de. **O estigma na escola: A produção do “aluno-problema”.** São Gonçalo, 2008. Disponível em <https://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/rms.pdf>. Acessado em 10/06/20.

## APÊNDICES



Rua 05, nº 580, Cidade Jardim, CEP: 75080-730 – Anápolis-GO. Fone: (62) 3328-8900. www.catolicadeanapolis.edu.br / e-mail: secretaria@catolicadeanapolis.edu.br

## APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido

<b>Acadêmico(a):</b>	Aparecida Faustino Guedert				
<b>CPF:</b>	17338907854	<b>RG:</b>	232610708	<b>TEL:</b>	(62)991725136
<b>Orientador:</b>	Me. Wilian Cândido				
<b>Instituição:</b>	Faculdade Católica de Anápolis.				
<b>Título do Trabalho:</b>	Instauração de Rótulos Para Justificar os Acontecimentos que Afetam as Aprendizagens.				
<b>Objetivo:</b>	Investigar de que forma estão organizadas as práticas pedagógicas e as consequências de rotulações e estigmas nas aprendizagens nas séries iniciais.				

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário(a), de uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assinie ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do(a) pesquisador(a) responsável. Os dados fornecidos serão mantidos sobre absoluto sigilo, mantendo a privacidade dos sujeitos envolvidos. Esclarecemos que não haverá nenhum tipo de pagamento ou gratificação financeira pela sua participação. Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida **sobre a pesquisa**, você poderá entrar em contato com o(a) acadêmico(a) responsável pela pesquisa. Em casos de dúvidas **sobre os seus direitos** como participante nesta pesquisa, você poderá entrar em contato com a Secretaria Geral da Faculdade Católica de Anápolis no telefone: **(62) 3328-8900 ou pelos e-mails: secretaria@catolicadeanapolis.edu.br / wiliancandido01@gmail.com.**

Eu, \_\_\_\_\_,

RG nº \_\_\_\_\_ CPF nº \_\_\_\_\_, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), concordo em participar do estudo descrito acima como sujeito e **AUTORIZO**, através do presente termo, o(a) Pesquisador(a) a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização destes depoimentos para fins científicos e de estudos, em favor do(a) pesquisador(a) da pesquisa, acima especificado. Fui devidamente informado e esclarecido pelo(a) pesquisador(a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem e que isto leve a qualquer penalidade.

**A INSTAURAÇÃO DE RÓTULOS PARA JUSTIFICAR OS ACONTECIMENTOS QUE AFETAM AS APRENDIZAGENS DAS CRIANÇAS**

Anápolis, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020.

Assinatura do sujeito ou responsável: \_\_\_\_\_

—

Assinatura do(a)

Acadêmico(a)/Pesquisador(a): \_\_\_\_\_



Kátia Cilene Camargo Silva  
Coordenadora Curso de Pedagogia  
Faculdade Católica de Anápolis

---

Profa. Ma. Kátia Cilene Camargo Silva  
**Coordenação do Curso**



Wilian Cândido  
Ms. Ensino na Educação Básica

---

Prof. Me. Wilian Cândido  
**Professor Orientador**



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS

APÊNDICE B – Questionário apresentado aos professores e coordenador

QUESTIONÁRIO PARA PROFESSOR

Caro Professor

Estamos realizando levantamento de dados sobre Instauração de Rótulos para Justificar aos acontecimentos que afetam as aprendizagens das crianças. Os resultados serão analisados e utilizados para a elaboração do trabalho de conclusão de curso (TCC) em Pedagogia oferecido pela Faculdade Católica de Anápolis. Após a conclusão os resultados serão disponibilizados a todos interessados.

“Não haverá identificação do entrevistado”

Agradecemos sua colaboração.

**Caso você não queira participar, fique à vontade para assinalar com um X aqui ( )**

**DADOS PARA IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO:**

1. Gênero

( ) Masculino ( ) Feminino

2. Faixa etária de idade

( ) 20 a 25 anos ( ) 25 a 30 anos ( ) 30 a 40 anos ( ) 40 a 50 anos ( ) acima de 50 anos

3. Formação acadêmica

( ) Graduação ( ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado

4. Turma que leciona:

5. Tempo de experiência em docência:

6. Tempo de experiência nas séries iniciais?

7. Trabalha em tempo integral ou parcial:
8. Quanto tempo trabalha nesta unidade escolar? Sempre atuou na mesma função?

### **DADOS DA PESQUISA**

1. Quais os maiores desafios e/ou dificuldades como educador nos anos iniciais do ensino fundamental?

---

---

---

---

2. Você já leu, estudou alguma coisa sobre rótulos ou estigmas na educação?

---

---

---

---

3. O que você como educadora entende por uma criança rotulada?

---

---

---

---

4. Quais as dificuldades nas aprendizagens são mais recorrentes em sala de aula?

---

---

---

---

5. O que você como professora faz se percebe que alguma criança foi rotulada pela turma ou por outros?



## A INSTAURAÇÃO DE RÓTULOS PARA JUSTIFICAR OS ACONTECIMENTOS QUE AFETAM AS APRENDIZAGENS DAS CRIANÇAS

---

---

---

---

6. Como um professor pode contribuir para que o diagnóstico seja dado por outros profissionais especializados para tal?

---

---

---

---

7. Descreva um pouco a rotina do seu trabalho em relação a criança laudada.

---

---

---

---

---

---

Nas questões abaixo, marque apenas o número que você considera que corresponde a sua opinião, considerando uma escala onde 1-DISCORDO TOTALMENTE, 2- NEUTRO e 3 CONCORDO.

1. Você considera que o laudo pode impactar no desenvolvimento da criança que frequenta as séries iniciais?

1	2	3
---	---	---

2. A estigmatização ou rotulação de crianças é compreendida no contexto pedagógico como algo que negativamente vai impactar a aprendizagem das crianças?

1	2	3
---	---	---

3. Sempre existe dificuldades para ministrar aulas a uma criança laudada, você sente que não tem formação para ajudar no desempenho dela?

1	2	3
---	---	---

4. As dificuldades no processo ensino aprendizagem dos discentes laudados, são supridas de acordo com a metodologia usada para melhor apresentação dos conteúdos?

1	2	3
---	---	---

5. Enquanto docente, como você avaliaria a inclusão de crianças laudadas em sala de aula regular?

1	2	3
---	---	---



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS

APÊNDICE C – Questionário apresentado ao gestor

QUESTIONÁRIO PARA GESTOR

Caro Professor

Estamos realizando levantamento de dados sobre Instauração de Rótulos para Justificar aos acontecimentos que afetam as aprendizagens das crianças. Os resultados serão analisados e utilizados para a elaboração do trabalho de conclusão de curso (TCC) em Pedagogia oferecido pela Faculdade Católica de Anápolis. Após a conclusão os resultados serão disponibilizados a todos interessados.

“Não haverá identificação do entrevistado”

Agradecemos sua colaboração.

**Caso você não queira participar, fique à vontade para assinalar com um X aqui ( )**

**DADOS PARA IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO:**

1. Gênero

( ) Masculino ( ) Feminino

2. Faixa etária de idade

( ) 20 a 25 anos ( ) 25 a 30 anos ( ) 30 a 40 anos ( ) 40 a 50 anos ( ) acima de 50 anos

3. Formação acadêmica

( ) Graduação ( ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado

4. Tempo de experiência em docência:

5. Tempo de experiência nas séries iniciais?

6. Trabalha em tempo integral ou parcial:

7. Quanto tempo trabalha nesta unidade escolar? Sempre atuou na mesma função?

8. Quanto tempo atua na Gestão desta unidade? \_\_\_\_\_

### **DADOS DA PESQUISA**

Quais os maiores desafios e/ou dificuldades que vem enfrentando como Gestora desta unidade escolar?

---

---

---

---

8. Você já leu, estudou alguma coisa sobre rótulos ou estigmas na educação?

---

---

---

---

---

9. O que você como educadora entende por uma criança rotulada?

---

---

---

---

10. Quais as dificuldades nas aprendizagens são mais recorrentes em sala de aula?

---

---

---

---

11. O que você como Gestora faz se percebe que alguma criança foi rotulada pela turma ou por outros?

---

---

**A INSTAURAÇÃO DE RÓTULOS PARA JUSTIFICAR OS ACONTECIMENTOS QUE AFETAM AS APRENDIZAGENS DAS CRIANÇAS**

---

---

12. Como um Gestor pode contribuir para que o diagnóstico seja dado por outros profissionais especializados para tal?

---

---

---

---

13. Descreva um pouco a rotina do seu trabalho em relação a criança laudada.

---

---

---

---

---

---

Nas questões abaixo, marque apenas o número que você considera que corresponde a sua opinião, considerando uma escala onde 1-DISCORDO TOTALMENTE, 2- NEUTRO e 3 CONCORDO.

1. Você considera que o laudo pode impactar no desenvolvimento da criança que frequenta as séries iniciais?

1	2	3
---	---	---

2. A estigmatização ou rotulação de crianças é compreendida no contexto pedagógico como algo que negativamente vai impactar a aprendizagem das crianças?

1	2	3
---	---	---

**A INSTAURAÇÃO DE RÓTULOS PARA JUSTIFICAR OS ACONTECIMENTOS QUE AFETAM AS APRENDIZAGENS DAS CRIANÇAS**

3. Sempre existe dificuldades para ministrar aulas a uma criança laudada, você sente que não tem formação para ajudar no desempenho dela?

1	2	3
---	---	---

4. As dificuldades no processo ensino aprendizagem dos discentes laudados, são supridas de acordo com a metodologia usada para melhor apresentação dos conteúdos?

1	2	3
---	---	---

5. Enquanto docente, como você avaliaria a inclusão de crianças laudadas em sala de aula regular?

1	2	3
---	---	---



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS

APÊNDICE D – Questionário apresentado ao professor AEE

QUESTIONÁRIO PARA PROFESSOR AEE

Caro Professor

Estamos realizando levantamento de dados sobre Instauração de Rótulos para Justificar aos acontecimentos que afetam as aprendizagens das crianças. Os resultados serão analisados e utilizados para a elaboração do trabalho de conclusão de curso (TCC) em Pedagogia oferecido pela Faculdade Católica de Anápolis. Após a conclusão os resultados serão disponibilizados a todos interessados.

“Não haverá identificação do entrevistado”

Agradecemos sua colaboração.

**Caso você não queira participar, fique à vontade para assinalar com um X aqui ( )**

**DADOS PARA IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO:**

1. Gênero

( ) Masculino ( ) Feminino

2. Faixa etária de idade

( ) 20 a 25 anos ( ) 25 a 30 anos ( ) 30 a 40 anos ( ) 40 a 50 anos ( ) acima de 50 anos

3. Formação acadêmica

( ) Graduação ( ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado

4. Tempo de experiência em docência:

5. Tempo de experiência em Atendimento Educacional Especializado?

6. Trabalha em tempo integral ou parcial:

7. Quanto tempo trabalha nesta unidade escolar? Sempre atuou na mesma função?



## **DADOS DA PESQUISA**

1. Quais os maiores desafios e/ou dificuldades que vem enfrentando como professora do AEE desta unidade escolar?

---

---

---

---

2. Conte um pouco sobre o que você já leu, estudou sobre rótulos ou estigmas na educação?

---

---

---

---

---

3. O que você como educadora entende por uma criança rotulada?

---

---

---

---

4. Quais as dificuldades nas aprendizagens são mais recorrentes em sala de aula?

---

---

---

---

5. O que você como professora do AEE faz quando percebe que alguma criança foi rotulada pela turma ou por outros?

---

---



**A INSTAURAÇÃO DE RÓTULOS PARA JUSTIFICAR OS ACONTECIMENTOS QUE AFETAM AS APRENDIZAGENS DAS CRIANÇAS**

---

---

6. Como um professor pode contribuir para que o diagnóstico seja dado por outros profissionais especializados para tal?

---

---

---

7. Descreva um pouco a rotina do seu trabalho em relação a criança laudada.

---

---

---

---

---

Nas questões abaixo, marque apenas o número que você considera que corresponde a sua opinião, considerando uma escala onde 1-DISCORDO TOTALMENTE, 2- NEUTRO e 3 CONCORDO.

1. Você considera que o laudo pode impactar no desenvolvimento da criança que frequenta as séries iniciais?

1	2	3
---	---	---

2. A estigmatização ou rotulação de crianças é compreendida no contexto pedagógico como algo que negativamente vai impactar a aprendizagem das crianças?

1	2	3
---	---	---

**A INSTAURAÇÃO DE RÓTULOS PARA JUSTIFICAR OS ACONTECIMENTOS QUE AFETAM AS APRENDIZAGENS DAS CRIANÇAS**

3. Sempre existe dificuldades para ministrar aulas a uma criança laudada, você sente que não tem formação para ajudar no desempenho dela?

1	2	3
---	---	---

4. As dificuldades no processo ensino aprendizagem dos discentes laudados, são supridas de acordo com a metodologia usada para melhor apresentação dos conteúdos?

1	2	3
---	---	---

5. Enquanto docente, como você avaliaria a inclusão de crianças laudadas em sala de aula regular?

1	2	3
---	---	---